

Interação e integração por meio do PIBID - UFPel: um relato de experiência das oficinas aplicadas nas turmas de Ensino Fundamental II do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil

NESSANA DE OLIVEIRA PEREIRA¹; CAMILA BARBOZA CASTRO²
THALISE BARBOSA RODRIGUES³; CESAR AUGUSTO COUTO BITTENCOURT JUNIOR⁴; KARINA GIACOMELLI⁵;

¹UFPEL – nes-sana@hotmail.com

²UFPEL – castrobcamila@gmail.com

³UFPEL – thalisebrodrigues@gmail.com

⁴UFPEL – cesar.junior5@hotmail.com

⁵UFPEL – karina.giacomelli@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho aborda a questão da integração dos alunos por meio da questão de identidades, individual e coletiva, como também da interação dos educandos entre si, tópicos bastante pertinentes no trabalho com crianças e adolescentes em escolas. No âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) Interdisciplinar, esse assunto é trabalhado por alunos de graduação de vários cursos de licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, através de oficinas divididas em três grupos: interação e espaço, interação e relações humanas e interação e identidade, esta última aqui descrita. O tema de cada grupo foi resultado de um diagnóstico feito em 2014, quando do início do projeto no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, que teve por objetivo conhecer melhor o contexto em que se insere a escola.

Nesse reconhecimento, foi possível perceber problemas de integração e de interação aluno-aluno e aluno-escola, visto que, por virem de locais diversos da cidade, os alunos não demonstraram problemas de identificação e afinidade com a escola e com os colegas. A partir dessa constatação, foram feitos discussões até o grupo determinar a seguinte hipótese sobre a causa do problema: as divisões internas, materializadas na formação de grupos mais ou menos fechados, potencializa a falta de integração entre os estudantes. A partir disso, criou-se uma oficina para trabalhar interação e identidade com o objetivo de promover o autoconhecimento dos alunos e o reconhecimento dos colegas como fatores importantes da integração de todos na escola.

Segundo BAUMAN (2005), a escola é um espaço privilegiado tanto de uma transmissão cultural específica quanto de produção de sentido para as práticas sociais; é, portanto o lócus que une, orienta e exibe todo um conjunto de referências acerca da construção da identidade dos alunos. São comunidades cujos membros vivem juntos e em forte ligação. No convívio diário proporcionado pela escola, os alunos, nas suas interações, colocam em questão fatos como o que cada um tem que o diferencia do outro, o que tem em comum, o próprio reconhecimento de si e do outro e o reconhecimento que o outro tem dele, aquilo que ele deixa ver e aquilo que é visto sem que ele queira. A escola, em suma, é um lugar pluricultural, que comporta várias identidades. De acordo com HALL (2007), “a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem.”

2. DESENVOLVIMENTO

As oficinas foram realizadas com alunos do ensino fundamental, do turno da tarde, da escola Assis Brasil. As turmas foram divididas entre os sextos e nonos anos e distribuídas aleatoriamente entre os grupos de atuação do PIBID da escola. Todos os grupos deveriam realizar as oficinas pensadas por seus membros, mediante adequação necessária, em todas as turmas de todos os anos da escola. Assim, nosso grupo começou a aplicação das oficinas nos sétimos anos.

Com o tema interação e identidade, a oficina está estruturada em seis momentos. No primeiro momento, denominado, “Caixa das Características”, coloca-se uma caixa grande no centro da sala, e os alunos são orientados a retirar e guardar consigo apenas um filete de papel de dentro da caixa. Nesses papéis, constam palavras como: esforçadx, estudiosx, sorridente, alegre, empolgadx, legal, amigx, carinhosx, companheirx, gentil, generosx, entre outros; sendo portanto apenas adjetivos bons. Logo é pedido a eles que se dividam em dois grandes grupos, cada um de um lado da sala de aula. Nesse momento, os pibidianos não influenciam a escolha dos educandos, pois o objetivo é que eles se reúnam com os colegas que melhor se identificam, como costumeiramente.. Depois, pede-se que um aluno leia a palavra e a dê para um colega do outro grupo, aquele que acredita ser mais próximo daquele adjetivo. Perguntamos, então, o porquê da escolha; após, questionamos quem recebeu se concorda com a palavra recebida e por qual motivo ou não. Na sequência, o colega que ganhou a palavra escolhe uma nova palavra, dando-a para a pessoa do outro grupo e assim consecutivamente.

No segundo momento, chamado “Esquete”, separam-se os alunos em quatro grupos, em ordem aleatória determinada pelos monitores. Nesse momento, todos ainda possuem as palavras que receberam. Propõe-se, então, que grupo escolha de dois até quatro perfis de personagens baseados nos adjetivos que receberam. Definindo isso, devem pensar e realizar uma pequena esquete teatral com esses personagens. O tema da esquete deve ser preferencialmente situações cotidianas, mas podendo ser também cenas de desenho, filme, novela, tal como os personagens. Ao final da apresentação, na qual cada grupo representou a identidade que escolheram, os outros grupos devem adivinhar quais adjetivos foram atribuídos e pensados na formação dos personagens. No caso de ninguém acertar as características, o grupo as revela e também fala sobre o motivo da escolha das suas cenas.

O terceiro momento, denominado “Reflexão”, é o encerramento da oficina, quando é discutido com os alunos como eles se perceberam ao caracterizar os colegas e também como se sentiram ao serem classificados e julgados. Questionamos como as aparências de um personagem e de nós mesmos na vida real nem sempre são fiéis ao que realmente somos e que, de certa maneira, a forma como enxergam e também como representam personagens reflete o modo que eles mesmos interagem com os grupos, nos espaços em que frequentam a partir da sua identidade.

3. RESULTADOS

Até o momento, todos os sétimos anos e um sexto foram contemplados, isto é, cinco turmas tiveram participação ativa na oficina. Por meio da aplicação das atividades propostas, notamos um avanço no que diz respeito à inserção dos alunos enquanto um grande grupo pertencente ao mesmo espaço, o que indica um resultado positivo até o presente.

Sabendo que cada turma possui sua identidade, notamos recepções diferentes oferecidas pelas turmas. Citamos aqui os casos dos sétimos anos. Na 71, houve certa resistência em relação à atividade; embora muitos tenham se envolvido, alguns perderam o foco rapidamente e, muito ativos, não escutavam as instruções, o que dificultou demasiadamente a realização das atividades. Outros simplesmente não quiseram participar - destes alguns até cooperaram no começo, mas logo foram perdendo interesse devido à estressante relação com os colegas.

Em contrapartida, na turma 72, reconhecemos uma participação positiva em todos os momentos e, apesar de estar dividida em subgrupos menores, os alunos demonstraram união enquanto grande grupo, precisando apenas de um momento como aquele para interagir mais. Nesta turma, tivemos o relato de uma aluna que desabafou sobre o potencial da turma, mas que, devido à desunião, fora apontada pelos colegas e professores como desinteressada.

Nas turmas 73 e 74, com uma maior disparidade em relação às idades dos estudantes, percebemos dois ambientes dispersos. Os colegas de sala pareciam não se conhecerem, tampouco fazendo questão disso. Após a oficina, que teve um longo momento de reflexão entre os bolsistas e os alunos, notamos que houve uma mudança de postura muito proveitosa em relação ao grupo. Alguns pediram o retorno da oficina como forma de refazerem algumas atitudes repensadas após a conversa.

Em relação à turma 61, primeira classe de sexto ano, até o momento, podemos dizer que ocorreu uma boa recepção. Os alunos, embora um pouco mais agitados devido à faixa-etária, pareceram compreender bem a proposta e executaram a atividade de maneira positiva. Esse resultado nos fez compreender que quanto mais cedo for trabalhada a questão da integração, menor serão as chances do problema se perpetuar ao longo das séries vindouras.

4. AVALIAÇÃO

Este trabalho relata a aplicação de uma oficina do PIBID UFPEL, grupo interdisciplinar do Ensino Fundamental II - tarde, do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil em Pelotas/RS, que ainda está em processo de execução. Temos ainda muitas turmas para aplicá-la e uma quantia considerável de novos materiais para estudo, o que aperfeiçoará o trabalho e trará o resultado final aguardado. Portanto, não temos, ainda, um fechamento, pois apenas cinco turmas em um total de quinze foram contempladas. O desenvolvimento do projeto possibilitou a compreensão de que a discussão sobre o conceito de identidade em sala de aula contribui para o autoconhecimento entre os alunos, a participação e interesse deles nas atividades, terminando por explorar colaborativamente o meio de convívio e evidenciar as características pessoais. Concluímos que estimular o pensar dentro da sala de aula e reativar a individualidade de cada um em

contexto com o outro é de extrema importância, pois isso possibilita que se estabeleça uma troca entre os estudantes, revitalizando as vivências pessoais e promovendo o autoconhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- SILVA. T. T; HALL. S; WOODWARD. K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.